



---

Comunicação oral: Eixo 2 – Alfabetização e Letramento

## **O CONCEITO DE LETRAMENTOS E O LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA**

Ana Angélica Miranda Veloso – UFVJM\*

---

**Resumo:** O conceito de letramento é realizado de forma equivocada, buscando-se definir algo que possui, na verdade, múltiplos sentidos. Dentre esses significados e aspectos de letramentos, encontra-se o letramento literário, cuja aplicação na escola é importante, sobretudo considerando a relevância da leitura. O objetivo do texto, portanto, é analisar diversidade de conceitos de letramentos e como pode ser realizado o letramento literário em sala de aula. A metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa fundamentada em pesquisa bibliográfica. Espera-se, com este estudo, contribuir para a observância das práticas de letramento na Educação Básica, considerando a importância do hábito de ler e do gosto da leitura.

**Palavras-chave:** Letramentos. Letramento literário. Hábito de ler.

### **Introdução**

A discussão acerca do letramento, no Brasil, é recente e, algumas vezes, realizada de forma equivocada, uma vez que não há um conceito definido para o termo, mas sim múltiplos conceitos e abordagens, bem como tendo em vista que seu emprego pode ser confundido com os vocábulos “alfabetismo” e “analfabetismo”, reduzindo os seus sentidos e a amplitude de que o letramento está envolto. Esses problemas, referentes ao uso [da palavra letramento com diferentes significados], implicam, a princípio, a opção por seu plural: letramentos – e a necessidade de que as práticas que o constituem sejam melhor compreendidas.

Em contrapartida, sabe-se que o hábito de ler não é uma tarefa fácil de se concretizar, pois envolve a compreensão e a interpretação de textos escritos de diferentes gêneros, com intenções diversas. Contudo, a leitura traz contribuições nos aspectos da autonomia e da garantia plena do direito de se engajar na sociedade como um todo, tendo em vista que faz parte da interpretação e compreensão do mundo.

A leitura, em seu sentido amplo, deve proporcionar ao leitor a capacidade de se tornar agente ativo no entendimento do texto, ampliando e fomentando seus conhecimentos e suas

---

\* Mestranda no PPGICH da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Graduada em Letras – FIH-UFVJM. Graduada em Direito (FEVALE); Graduada em Humanidades (UFVJM); Graduada em Pedagogia (Claretiano).



experiências. A prática da leitura contribui para a busca de informações e para a atribuição de sentido e significado dos textos com os quais se depara cotidianamente.

Hoje em dia, grande parte da sociedade é letrada, no entanto, os estudantes estão cada vez mais distanciados da leitura, e muitos educadores indagam a respeito do que é necessário fazer para que seus alunos sintam vontade, motivação e prazer em ler. Acredita-se que tal problemática só poderá ser solucionada se o professor, em suas ações pedagógicas, atuar como mediador dos alunos no dia a dia da sala de aula, trabalhando de modo efetivo e adequado as estratégias de leitura, ou seja, desenvolvendo o desejo, o interesse e a busca dos alunos para a concretização do “saber e querer ler”.

O objetivo deste texto, portanto, é analisar os conceitos de letramentos e a importância do letramento literário nas escolas visando ao hábito de leitura.

### **O conceito de letramentos**

Marildes Marinho (2010) diz que os conceitos de alfabetização e letramento se relacionam, mesclam-se e muitas vezes se confundem; assim, não há uma definição determinada para letramento e, sendo um termo heterogêneo e contraditório, assim como os contextos socioculturais no qual se insere, seria inútil buscar apenas um conceito definitivo. Existe, pois, uma diversidade de letramentos, inclusive para além da cultura escrita, que devem ser considerados. A autora busca diferentes referências de vários estudiosos acerca do conceito e do uso de letramento e o diferencia da cultura escrita, no sentido de que o letramento seria entendido como as práticas individuais e sociais de leitura e escrita e os sentidos atribuídos a essas práticas, e a cultura escrita “seria um conceito mais amplo: envolveria as práticas do escrito que não são exclusivamente dependentes da língua escrita baseada no sistema alfabético” (MARINHO, 2010, p. 75).

Por meio de suas pesquisas, Marinho (2010) demonstra que os Novos Estudos de Letramento apontam a diferença entre eventos de letramento (situação de letramento mediada pelo texto escrito) e práticas de letramento (relações desses eventos em um viés ampliado, numa dimensão cultural e social). A autora afirma, desse modo, que “letramento é uma prática social, não simplesmente uma habilidade técnica e neutra. Trata-se de uma prática sustentada por princípios epistemológicos socialmente construídos” (MARINHO, 2010, p. 78).

Marinho (2010) apresenta, ainda, exemplos de eventos e práticas de letramento (cenas de cultura escrita), asseverando que os sujeitos, ao estarem inseridos em uma cultura, atribuem valores às práticas de leitura e escrita que fazem parte daquele contexto, sendo que alguns grupos são colocados à margem da cultura escrita, ou seja, excluídos da parcela considerada letrada e alfabetizada, e os grupos letrados passam a agenciar as práticas de letramento,



sendo necessário, portanto, que levem em consideração práticas que dialoguem com todos os sujeitos e os incluam nas práticas de economia, educação, cultura, entre outras.

Em *Letramento: um tema em três gêneros* (1998), Magda Soares explica que definir letramento com precisão e avaliá-lo de maneira confiável é uma questão controversa, visto que ele se constitui de inúmeros conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais, abarcando tanto uma dimensão individual, referente às tecnologias mentais de ler e escrever; quanto uma dimensão social, em que é compreendido como um fenômeno cultural, um conjunto de atividades e práticas sociais e de exigências que envolvem a leitura e a escrita em um contexto social.

No entanto, Soares (1998) frisa que o letramento tem um caráter relativo, não sendo possível atribuir-lhe um conceito único, que se relacione a todas as pessoas, em todos os lugares e em todos os tempos, até porque sua essência não é estática nem universal. Assim, o mais correto seria falar em letramentos, no plural, considerando, ainda, seu poder revolucionário, de acordo com a perspectiva de Paulo Freire, por meio do qual o uso da leitura e da escrita são realizados com o fim de as pessoas se conscientizem da realidade e, conseqüentemente, busquem transformá-la.

No livro *Cultura escrita e letramento* (2010), Magda Soares escreveu “Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento”, a partir de sua fala na Conferência no *I Colóquio Internacional Letramento e Cultura Escrita* (2007). O texto propõe uma reflexão acerca dos diversos conceitos existentes para o termo “letramento” e uma análise de suas implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento no Brasil. De acordo com Soares (2010), a palavra letramento surgiu a partir do inglês *literacy*, mas trazendo diferentes abordagens no contexto brasileiro. Assim, na perspectiva antropológica, a palavra letramento se relaciona às práticas sociais de leitura e escrita e os valores atribuídos a essas práticas, contudo, antropológicamente, a melhor tradução para *literacy* seria “cultura escrita”.

Em um ponto de vista linguístico, letramento se refere a aspectos da língua escrita que a diferenciam da oralidade. Sob a perspectiva psicológica, o letramento diz respeito a habilidades cognitivas que permitem a compreensão e a produção da escrita. No aspecto educacional, o letramento designa as práticas sociais que envolvem a língua escrita – segundo Soares (2010), esse sentido é o empregado no inglês *literacy*, que exclui a aprendizagem inicial da tecnologia escrita (*reading*). No Brasil, privilegiam-se as perspectivas da educação nas ações relativas ao letramento, contudo, ele está sempre relacionado ao conceito de “alfabetização”, diferentemente do que ocorre com o termo *literacy*, que está

ligado às práticas da língua escrita, embora já pressuponha o *reading* [aprendizado inicial da tecnologia escrita].

Quanto às implicações dessas diferenças em relação aos conceitos, no que tange à pesquisa, Soares (2010) diz, em primeiro lugar, que no Brasil o olhar tem sido voltado para a avaliação: avalia-se o letramento dos alunos e impõe-se às instituições educacionais a obrigatoriedade de atingirem bons resultados; conseqüentemente, deixam-se de lado as pesquisas acerca das causas dos baixos índices de alfabetização e letramento. Em segundo lugar, implica-se a necessidade de estudos voltados para o ponto de vista antropológico, uma vez que há, no Brasil, grupos socioculturais que não têm acesso a materiais escritos, bem como que atribuem diferentes valores e usos à escrita e à leitura. A terceira implicação trazida pela autora diz respeito à grande dedicação, no Brasil, a pesquisas sobre a alfabetização, mas a quantidade ínfima de pesquisas que identifiquem e busquem compreender as práticas de escrita e leitura nas escolas e para além da sala de aula, assim como do letramento relacionado a outros campos do saber, diferentes da língua portuguesa.

A principal implicação política colocada por Soares é a necessidade de ampliar o acesso à produção estrangeira referente ao letramento, considerando a sua importância, ainda que para contestação. Ademais, é preciso que os pesquisadores descubram e usem estratégias que facilitem e/ou possibilitem a criação de políticas públicas relacionadas ao letramento (SOARES, 2010).

No mesmo sentido, Brian Street (2010) explica que existem diversos letramentos, de acordo com o contexto sociocultural e com as particularidades na quais as práticas se inserem (exemplos: letramento escolar, letramento comercial, letramento digital, letramento do Alcorão). Assim, o letramento não terá o mesmo efeito em qualquer contexto, não sendo possível, por exemplo, criar um programa de alfabetização universal, que atenda igualmente a todas as regiões da mesma maneira, isso porque:

As pessoas podem estar envolvidas em uma forma e não na outra, suas identidades podem ser diferentes, suas habilidades podem ser diferentes, seus envolvimentos em relações sociais podem ser diferentes. Por isso, selecionar só uma variedade de letramento pode não ter os efeitos que se espera (STREET, 2010, p. 37).

Os pesquisadores têm se preocupado com as práticas que não fazem parte de uma determinada comunidade, por exemplo, considerando que determinadas pessoas não são letradas, ao invés de reconhecer as práticas de letramentos que as envolve e que, embora não sejam as mesmas dos povos dominantes, são também importantes para a constituição daquela comunidade.

Portanto, a relação do professor com os alunos tem de ser diferente quando se sabe isso, em vez de se imaginar que eles são espaços vazios que devem ser preenchidos. Esses alunos estão engajados em uma sociedade, em uma cultura em que a escrita pode ocupar grande espaço (STREET, 2010, p. 49).

Street desenvolveu pesquisas em diferentes países, por meio de uma abordagem etnográfica, que considerada as culturas locais e sua interação com outras culturas e letramentos dominantes. O autor percebeu que as práticas de letramento podem mudar de um local para o outro, bem como seus sentidos para a população, o que implica a importância da criação de políticas educacionais específicas para cada local, considerando suas peculiaridades como sociedade, bem como as particularidades individuais, tendo em vista que existe uma variedade de necessidades letradas e que se deve levar em conta o que o letramento significa para as pessoas que o adquirem (STREET, 2010).

Considerado as diferentes abordagens referentes ao letramento, cada vez o desafio dos professores se amplia, conforme explica Ângela Kleiman, no artigo “Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna” (2008). Segundo Kleiman, exige-se que o professor de língua materna seja letrado (isto é, saiba ler e escrever) com uma finalidade determinada, que desconsidera seu contexto e as práticas socioculturais nas quais ele está inserido. O professor, tão somente, deve saber as competências que são consideradas desejáveis para desenvolver nos alunos habilidades determinadas de uso da linguagem, mas não para garantir a aprendizagem desses estudantes como sujeitos questionadores e transformadores da realidade, o que desconsidera a multiculturalidade e os diversos letramentos existentes na sala de aula. Na verdade, deveria ocorrer uma reorganização do ensino, em que o professor reunisse o conhecimento das teorias, os métodos e modos de ensinar e suas experiências; assim, munido de múltiplos saberes (teóricos e do mundo), o educador poderia multiplicar as possibilidades de uso e funcionamento da linguagem, mediando uma aprendizagem efetivamente significativa e a formação reflexiva dos educandos (KLEIMAN, 2008).

Da mesma forma, Roxane Rojo (2009) afirma que cabe a escola ampliar o diálogo multicultural, valorizando a cultura de massa e as práticas variadas dos próprios alunos, uma vez que em uma sala de aula existe significativa heterogeneidade. A partir de gráficos, links, notas de rodapé, imagens, atividades e do próprio texto escrito, a autora demonstra o insucesso das escolas, ao lidar com inúmeras reprovações e evasão, bem como com baixos índices relativos à capacidade de escrita e, sobretudo, de leitura dos alunos, evidenciando, inclusive, a ineficácia das práticas didáticas. Rojo (2009) infere, portanto, que é necessário à escola oportunizar o acesso à cultura letrada não só por meio de textos (que também precisam ser adaptados para atingirem as necessidades dos alunos), mas também de espaços (como

museus) e mídias (como as digitais). As leituras realizadas em sala de aula devem promover reflexões, questionamentos e o desejo dos estudantes de transformarem a realidade.

É importante, pois, que sejam analisados os diversos letramentos existentes na sociedade, que é heterogênea e multicultural. Embora não seja possível determinar com precisão um conceito para “letramento”, o que se deve ter em mente é que ele vai além das práticas de leitura e escrita, uma vez que se relaciona com os usos, com os sentidos, com os significados e com a utilidade que são atribuídos a essas práticas, por um sujeito, no âmbito individual e como membro de uma comunidade. Assim sendo, não se pode excluir da sociedade um indivíduo pelo fato de ele não saber ler ou escrever, pois ele está imerso em outras práticas de letramento.

Por si só, o letramento não conseguirá atingir o desenvolvimento (cognitivo) individual, nem mesmo o progresso social, uma vez que precisa ser ideológico, no sentido de focar em estratégias que sejam significativas para as pessoas que o adquirem, em determinado contexto. Os letramentos não são algo universal e que valem da mesma forma para todos, portanto, é essencial que os programas de letramento considerem a variedade das necessidades letradas dos cidadãos, o que se torna um desafio, em especial para pesquisadores e professores.

### **O letramento literário na escola e a importância da leitura**

É no ambiente escolar que se inicia o processo de aprendizagem da leitura. É um processo de interação entre o leitor e o texto, cujo processo tenta satisfazer os objetivos que guiam sua leitura (SOLÉ, 1998). Percebe-se, assim, a importância da leitura tanto para os alunos quanto para os professores, especialmente porque ela envolve a marca e o papel do leitor; é um processo que deve ser entendido como prática contínua que circula socialmente, requerendo, pois, uma capacidade de entendimento. Nesse contexto, um leitor competente:

Só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos. (SILVA, 2011, p. 224).

Ler se constitui como uma atribuição de dar significado a um texto. Se o aluno tem constante contato com a leitura em suas experiências cotidianas, provenientes do seu ambiente sociocultural, é estimulado a ler e a interpretar, refletir e argumentar sobre textos que fazem parte da sua vivência, construindo mais rapidamente e de forma mais sólida o hábito da leitura. Este, por sua vez, vai além da identificação de personagens ou detalhes, relaciona-se à observação do que não é dito, mas está nas entrelinhas; ler é relacionar o que se está lendo com aquilo que já se conhece ou foi lido em outros textos ou se refere à própria experiência;



é concordar ou discordar, estabelecendo uma íntima condição que visa ao diálogo com o texto e com o narrador. Para que o estudante assuma essa atitude e venha a se constituir como leitor é necessário que compartilhe experiências em que sejam realizadas interpretações por e para ele, ajudando-o a estabelecer relações entre o texto lido e suas experiências de vida.

Luiz Carlos Cagliari (1998), ao escrever sobre a fase da alfabetização, explica que a leitura é a atividade mais importante para a formação do aluno, ainda que ele tenha dificuldades para escrever. Essa tarefa [a leitura] torna-se ainda mais importante à medida que o aluno vai atingindo novos graus de escolaridade. Nas palavras de Cagliari:

É mais importante saber ler do que saber escrever. Se um aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas não for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte a sua tarefa. Se porém, outro tiver notas excelentes em tudo, mas não se tornar um bom leitor, sua formação será profundamente defeituosa e ele terá menos chance no futuro do que aquele que, apesar das reprovações, se tornou um bom leitor. A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve apreender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma (CAGLIARI, 1998, p.130).

Ao relatar a importância da Literatura e da leitura, Antoine Compagnon (2009) cita Aristóteles, para o qual a literatura tem a capacidade de doutrinar e agradar de forma concomitante, isto é, de educar e divertir. Da mesma maneira, ela tem o poder de ser utilizada como um “remédio”, ao proporcionar ao leitor independência e ao mesmo tempo libertação (vale ressaltar que nem por isso é invalidado o deleite que a Literatura pode proporcionar). Acerca desses poderes, o autor conclui que são capazes de minimizar a depreciação da Literatura na escola e no mundo, uma vez que o primeiro poder instrui de forma agradável, e o segundo faz com que as pessoas reflitam e sejam mais críticas com relação à vida e ao mundo, questionando as opiniões e não se deixando levar por algo que são disciplinadas, induzidas e até alienadas a acreditar.

Do mesmo modo, Antônio Cândido estabelece a importante função que a Literatura possui, inclusive por meio de um caráter humanizador. Para ele, a Literatura “(1) é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente.” (CÂNDIDO, 2011, p. 178-179).

Nesse sentido, a escolha das práticas pedagógicas para a educação literária é importante para se delinear um ensino que promova a participação de todos com entusiasmo. A aquisição da habilidade de leitura se desenvolve no planejamento, na organização e nos objetivos previamente estabelecidos pela mediação do professor e em sua ação pedagógica. Além

disso, a atividade de interpretação de textos é um fator determinante para a constituição de um leitor autônomo. Para que ela ocorra, faz-se necessário que o aluno perceba que a finalidade do texto é veicular ideias, experiências, opiniões, formas de pensar a realidade, entre outros (CARVALHO; MENDONÇA, 2006).

Para que o estudante estabeleça uma atitude de leitor e crie o hábito da leitura com prazer, o professor não deve obrigá-lo a ler um livro por bimestre, por exemplo, nem realizar “provas” acerca do conteúdo da obra literária, dos personagens ou sobre o entendimento do texto. Não se consegue desenvolver o gosto, a motivação, o prazer e o hábito da leitura por meio de fichas de leitura, ou dizendo a ela que ler é uma atividade prazerosa, gratificante e de grande importância. Os alunos não têm motivação para se aperfeiçoarem em algo que está sendo avaliado somente com notas; esse procedimento só causa tormentos, medo e constrangimentos.

Por outro lado, deve ser instigada a leitura de obras que tenham relação com as experiências e com o cotidiano dos alunos, a partir de temáticas voltadas para os adolescentes, promovendo debates amplos e relações que visem à reflexão e à argumentação, incentivando os alunos a interpretar e questionar, e avaliando-os de forma indireta, por exemplo, mediante a participação. De acordo com Noemi Vieira, Lucas Teixeira e Simone Sales (2019):

Nesse sentido, a literatura forneceria instrumentos para o exercício crítico e a inserção no mundo das palavras e sentidos, sendo a escola de fundamental importância para o fomento desse processo. [...] Não obstante o papel da literatura na escola, carece ser feita de maneira distinta de algumas práticas efetuadas até então, por meio do letramento literário. O pressuposto básico que subjaz ao letramento literário é a interação, em um processo no qual os alunos são sujeitos de sua leitura e têm expressão ativa diante dos textos aos quais são apresentados (VIEIRA; TEIXEIRA; SALES, 2019, p. 107).

Para Rildo Cosson (2011), é preciso que a literatura seja escolarizada, isto é, é preciso que ela seja levada para o âmbito escolar para que cumpra, de fato, sua função humanizadora. Assim, os alunos podem se apropriar a literatura enquanto linguagem. Cosson (2011) propõe, desse modo, que os estudantes, enquanto sujeitos leitores, a princípio, tenham uma motivação para ler (antecipação, por meio, por exemplo, de uma pergunta motivadora, de uma contextualização da obra, de um trabalho sobre a temática do livro, etc.); na sequência, os educandos serão introduzidos na leitura daquele livro (a partir da análise do autor e da obra em si, contexto em que foi escrita/publicada, breve síntese do enredo); após isso, ocorre a leitura propriamente dita e, por fim, a interpretação cuidadosa do que foi lido. A leitura na escola permite que os alunos ampliem os sentidos que construíram de forma individual e dividam as interpretações entre os pares, de modo que todos possam questionar a realidade existente, por meio da interação social. Segundo as palavras de Cosson:



Ao ler, estou abrindo uma porta entre o meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro. [...] É preciso estar aberto a multiplicidade do mundo e a capacidade da palavra dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa. Abrir-se ao outro para compreendê-lo, ainda que se implique aceitá-lo, é o gesto essencialmente solidário exigido pela leitura de qualquer texto. O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos o sentido do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode ser até solitário, mas nunca deixa de ser solidário (COSSON, 2011, p 27).

A denominação do sujeito leitor não acontece espontaneamente, tampouco resulta da capacidade de discriminar visualmente as letras, de saber juntá-las e decifrar palavras e frases. A aprendizagem da leitura por si mesma não garante o hábito e o prazer de ler nem a constituição do leitor. Todas as estratégias ensinadas na escola sobre a leitura estão diretamente ligadas à vivência dos alunos e a interação entre os pares. Por isso, a escola torna-se o espaço propício e adequado para manter e desenvolver a leitura de forma competente e efetiva, ajudando a constituir sujeitos leitores para além da sala de aula.

### **Considerações finais**

Nesta pesquisa, percebeu-se a importância dos letramentos não apenas para a comunicação, mas também para a compreensão do mundo, para o desenvolvimento e formação do sujeito e para a produção de conhecimentos. Assim sendo, é necessário que sejam implementadas propostas que reestruturem o ensino e contribuam para o processo de aprendizagem e para a alfabetização.

O ensino das estratégias de leitura deve ser uma tarefa elaborada e trabalhada em equipe. É importante que os professores executem, planejem e concretizem ações pedagógicas que promovam a reflexão e o desenvolvimento de estratégias de leitura inovadoras e eficazes. O eixo da leitura precisa de novos pressupostos e as ações realizadas cotidianamente no ambiente escolar, por meio das estratégias de ensino da leitura, que influenciam na qualidade e no desenvolvimento do ensino-aprendizagem

A aprendizagem da leitura deve se basear em trabalhos de ensino que a contemplem de forma abrangente, considerando as estratégias de compreensão que permitam aos alunos se tornarem leitores eficientes em todos os níveis de escolarização. O exercício dessas estratégias somente se tornará efetivo por meio da intervenção do professor em suas práticas de ensino, contribuindo para que o aluno tenha acesso e construa a aquisição da leitura.

Espera-se com este estudo e com os que seguem contribuir com a compreensão da relevância da leitura na sala de aula e, conseqüentemente, do papel do professor diante das estratégias que serão utilizadas, observando, sobretudo, a multiplicidade de letramentos que envolvem a vida no geral e, notadamente, no ambiente escolar.



## Referências

- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização sem o babebibobu*. São Paulo: Scipione, 1998.
- CÂNDIDO, A. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- CARVALHO, M. A. F; MENDONÇA, R. H. (orgs.) *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- COMPAGNON, A. *Literatura pra quê?* Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- KLEIMAN, A. B. Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 8, n. 3, p. 487-517, 2008.
- MARINHO, M. Letramento: a criação de um neologismo e a criação de um conceito. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. (org.) *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 68-100.
- ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SILVA, J. A. Discutindo sobre leitura. *Rev. de Letras*, v. 3, n. 2, p. 221-234, 2011.
- SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p. 63-82.
- SOARES, M. Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento. MARINHO, M.; CARVALHO, G. (org.) *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 54-67.
- SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- STREET, B. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. (org.) *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 33-53.
- VIEIRA, N. C. Fr; TEIXEIRA, L. L; SALES, S. M. de O.C. O ensino de Literatura na escola: retrospectiva e desafios. *Rev. X*, v. 14, n. 3, p. 105-120, 2019.